



EMEF. DEZENOVE DE ABRIL.

ATIVIDADE REFERENTE SEMANA 29 - 29/09/2025 A 03/10/2025.

COMPONENTE CURRICULAR: História

TURMA: 81

PROFESSOR (a) Marcos Antônio

OBSERVAÇÕES: O planejamento da aula poderá sofrer alterações conforme a necessidade do professor (a).

CONTINUA

Atividades para resolver abaixo do texto:

Guerra dos Farrapos

A **Guerra dos Farrapos** ou **Revolução Farroupilha** foi a mais longa rebelião do período regencial do Brasil.

Ocorreu no Rio Grande do Sul e durou dez anos, de 1835 até 1845, época que compreende a regência de Feijó e o Segundo Reinado. O termo "farrapo" se referia aos trajes maltrapilhos que o exército rebelde usava.

A revolta foi mobilizada pelos grandes proprietários de terra do Rio Grande do Sul, insatisfeitos com os altos impostos cobrados pelo governo imperial sobre seus produtos. Por isso, constataram que a separação e a república seriam uma forma de obter liberdade comercial e política.

Os negros escravizados também foram recrutados para lutar, sob a promessa de liberdade, no caso de vitória na guerra contra o império.

A Revolução Farroupilha se encerra com o Tratado de Poncho Verde, em 1º de março de 1845.

Causas da Guerra dos Farrapos

A Guerra dos Farrapos foi promovida pela classe dominante gaúcha. Constituída de estanceiros que eram os donos de grandes propriedades rurais, gado e negros escravizados. Indignados com os elevados impostos territoriais, além de altas taxas sobre as exportações de charque, couro e sebos.

Os estanceiros protestavam, pois o charque gaúcho devia pagar 25% de impostos enquanto o uruguaio pagava somente 4% para ser vendido no Rio de Janeiro.

Também havia um ressentimento contra o governo imperial que sempre recrutava homens e cavalos para as lutas com os territórios fronteiriços, mas pouco beneficiava a sociedade local.

A revolução foi favorecida pelo caráter militarizado da sociedade rio-grandense, organizada em meio a lutas como a disputa pela Colônia do Sacramento, no século XVIII.

Além disso, as ideias republicanas e federativas encontravam receptividade entre os rio-grandenses, estimulados pelas vizinhas repúblicas platinas.

Agravando a situação, em 1835, o regente Feijó nomeou o moderado Antônio Rodrigues Fernandes Braga como presidente da província, o que não foi aceito pelos gaúchos. Na Assembleia Provincial, tornou-se cada vez mais viva a oposição ao presidente Fernandes Braga.

Os Conflitos Farroupilhas

No dia 20 de setembro de 1835, uma revolta armada, com pouco mais de 200 cavaleiros se estabeleceu nos arredores da capital, Porto Alegre. Uma pequena força armada enviada para dispersar os rebeldes foi repelida e obrigada a regressar.

Fernandes Braga fugiu para a vila de Rio Grande, instalando aí seu governo. No dia seguinte, o comandante da Guarda Nacional local, Bento Gonçalves, um dos líderes do movimento, entrava em Porto Alegre e, com o apoio da Assembleia Provincial, em 1836, proclamou a República do Piratini.



Carga da Cavalaria (1893), de Guilherme Litran, retratando a Revolução Farroupilha

Diante desta situação, o regente Feijó nomeou novo presidente para a província, José de Araújo Ribeiro, futuro visconde do Rio Grande. A guerra continuou e os legalistas conseguiram prender vários chefes rebeldes, entre eles Bento Gonçalves, que foi mandado para o Forte do Mar (BA), de onde fugiu nadando.

Em setembro de 1837, Bento Gonçalves regressa ao Sul e é eleito presidente da República do Piratini. A luta dos rebeldes era cada vez mais popular e com o apoio do revolucionário italiano Giuseppe Garibaldi o movimento se propagou.

Enquanto isso, devido a disputas políticas, Feijó foi obrigado a renunciar. Iniciou-se a regência de Araújo Lima, apoiado pelos conservadores.

Em 1839, David Canabarro, um dos líderes da revolta, com a colaboração de Giuseppe Garibaldi, tomou Laguna (SC). Ali, conheceria sua futura esposa e companheira de lutas, Anita Garibaldi.

Fundou-se nessa província a República Juliana, confederada à República Rio-grandense, alargando o cenário da revolução.

Em 1840, com a maioria antecipada de dom Pedro II, foi concedida anistia a todos os revoltosos políticos do período regencial.

Então, o novo presidente do Rio Grande do Sul, Álvaro Machado, nomeado pelo governo imperial, tentou convencer os rebeldes a terminar a guerra e aceitar a anistia, mas nada conseguiu.

O Massacre de Porongos e o fim do conflito

Em 1842, para terminar com o conflito, Luís Alves de Lima e Silva, o futuro Duque de Caxias, foi nomeado presidente do Rio Grande do Sul e comandante das armas. O objetivo era acabar com a luta e pacificar a província.

Diante das derrotas, os farroupilhas negociaram o fim do conflito com o governo imperial. No entanto, faltava solucionar a questão dos negros escravizados que haviam lutado durante dez anos.

O governo imperial não aceitava a libertação e, por outro lado, alguns líderes farroupilhas concordaram em devolvê-los para seus antigos proprietários. No entanto, isso seria uma traição e poderia acabar em uma rebelião.

Por isso, em 14 de novembro de 1844, o acampamento farroupilha – liderado por Canabarro – é atacado por tropas imperiais. Contudo, onde estavam os lanceiros negros recebeu a maior parte do ataque e não obteve nenhuma ajuda nos seus próprios companheiros de armas.

Em 1845, os rebeldes aceitaram a proposta de paz oferecida pelo governo. O Tratado de Poncho Verde estabelecia:

- anistia;
- incorporação dos oficiais farroupilhas ao exército imperial;
- libertação dos escravos que haviam lutado ao lado dos farroupilhas;
- devolução das terras que haviam sido tomadas dos rebeldes;
- diminuição dos impostos naquela província e
- fortalecimento da Assembleia Provincial.

A Guerra dos Farrapos representou uma vitória militar das tropas do Império, mas uma vitória política do lado dos farrapos.

Juliana Bezerra

Professora de História

Chimangos e Maragatos Origem dos Termos.

Maragato.

O termo tinha uma conotação de deboche, ironia, pejorativa, atribuída pelos imperialistas e legalistas aos revoltosos liderados por Gaspar Silveira Martins, que deixaram o exílio, no Uruguai, e entraram no RS à frente de um exército. Como o exílio havia ocorrido no Uruguai numa região colonizada por pessoas originárias da Maragateria (na Espanha), os republicanos apelidaram-nos de "maragatos", buscando caracterizar uma identidade "estrangeira" aos federalistas. Com o tempo, o apelido assumiu significado positivo, aceito e defendido pelos federalistas e seus companheiros.

O lenço vermelho identificava o maragato.

Chimango.

A grafia pode ser ximango. Ave de rapina muito comum na campanha rio-grandense, falconídea, pessoal rapineiro, oportunista, caçador que é da terra.

Alcunha depreciativa dada aos liberais moderados pelos conservadores, no início da monarquia brasileira. No RS, nos anos de 1920, foi o codinome dada pelos federalistas aos governistas do PRR. Honório Lemes Maragato contra Flores da Cunha Chimango (pica-pau).

O lenço de cor branca identificava os chimangos.

O lenço de pescoço é um dos símbolos mais fortes do gaúcho, seu orgulho e sua honra. Muitas vezes foi também símbolo político. Em 1893 foram "maragatos" contra "pica-paus" (lenço vermelho contra lenço branco) e em 1923

foram “maragatos” contra “chimangos” (novamente o embate das duas cores tradicionais) e em 1930 o líder e estrategista Getúlio Vargas uniu brancos e colorados, maragatos e chimangos e literalmente “invadiu” o Brasil.

ATIVIDADES

- 1) Explique as diferenças existentes entre os termos Chimangos e Maragatos
- 2) Qual a origem dos dois termos?
- 3) Quais as cores do lenço de cada um dos grupos?

